

Residencial Chácara Santa Helena I Casa Vogue

Casa Vogue

Sou Fujimoto entre natureza e arquitetura

Em SP, japonês conta o que move seu trabalho

21/08/2014 | POR NILBBERTH SILVA; FOTOS DIVULGAÇÃO



Casa projetada por Fujimoto para residencial em São Paulo tem lajes com aberturas, permitindo ver de um piso mais alto as copas das árvores nos pisos mais baixos

[Sou Fujimoto](#) em contrastes e semelhanças. Suas obras, abertas para o exterior como poucos arquitetos conseguem, mimetizam as formas da natureza usando técnicas e materiais artificiais; unem solidez e permeabilidade; simplicidade e complexidade.

Face mais proeminente dos jovens arquitetos japoneses, Fujimoto contou as ideias que movem seu trabalho em palestra na noite de ontem (20/8). Ele se juntou ao escritório [FGMF arquitetos](#) e a diretora executiva do [Prêmio Pritzker](#), Martha Thorne, no evento “Pontos de vista: faces da arquitetura contemporânea”.

Patrocinado pela Deca, o encontro ocorreu no auditório do Museu de Arte de São Paulo (Masp). Ironicamente, o vão livre do Masp estava ocupado por uma compacta massa de manifestantes do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST).

Fujimoto veio ao Brasil para trabalhar no projeto de uma casa em São Paulo. Com quatro lajes brancas permeadas por aberturas, a morada permite ver as copas das árvores nos níveis inferiores. Quase não tem paredes – apenas amplas vidraças. Faz parte do Residencial Chácara Santa Helena, condomínio de luxo que terá casas assinadas por Márcio Kogan, Isay Weinfeld e Andrade Morettin, entre outros nomes marcantes da [arquitetura](#) brasileira contemporânea.



Da esquerda para a direita: Rodrigo Marcondes Ferraz, do FGMF, Sou Fujimoto, Martha Thorne, o mediador Guilherme Wisnick e Fernando Forte, do FGMF

Embora o projeto seja em um terreno tranquilo, o caos e as grandes aglomerações das cidades estimulam Fujimoto. O arquiteto passou sua infância andando entre as árvores da Ilha de Hokaido, mas cursou a universidade na capital japonesa.

“Um dia percebi que Tóquio e a [natureza](#) são, de alguma forma, muito semelhantes. Andando pela cidade eu me sentia muito protegido. Pequenas estruturas [toldos e mastros] bloqueavam o sol, de uma maneira semelhante aos galhos das árvores”, rememora. Hoje, ele tenta fundir arquitetura e paisagem natural.

A biblioteca da Universidade de Artes de Musashino, no Japão, por exemplo, foi pensada como uma floresta artificial. Suas estantes em ordem irregular delimitam espaços aconchegantes e outros marcados pela grande amplitude do pé-direito. A disposição garante surpresas incomuns em um ambiente tão funcional, mas típicas de um passeio pela natureza. “Em uma boa biblioteca, você caminha sem destino e,

de repente descobre um livro que adora”, compara Fujimoto.



Ele ousa ao criar casa praticamente sem paredes para moradores de residencial em São Paulo. O arquiteto também gosta de criar formas complexas através da repetição de estruturas simples. Seu pavilhão para a [Serpentine Gallery](#), no Hyde Park, em Londres, tinha a aparência caótica de uma nuvem. No entanto, foi construído sobrepondo painéis quadrangulares de metal com 40 e 80 cm de altura. “Toda a geometria muda de acordo com sua posição”. Apesar de ser aberta e preenchida apenas com ar, a estrutura aparentava materialidade.

A dúvida sobre onde é dentro e fora e o uso estratégico do vazio são temas também assumidos pelo escritório paulistano FGMF, cujos proprietários têm mais ou menos a idade de Fujimoto. Seus projetos tiram a beleza de uma série de filtros, camadas e pátios, que dialogam com volumes em balanço. As estruturas emolduram a paisagem para quem está dentro; e criam efeitos de luz atraentes para quem está fora.

Em 2014, os arquitetos comemoram quinze anos de atividade relendo e incorporando novos elementos ao modernismo nacional. Seus trabalhos são reconhecidos por publicações de 20 países e prêmios como o do Instituto de Arquitetos do Brasil, o internacional *Re-Thinking The Future* e o *Chicago Atheneum Award*, dos Estados Unidos.

Martha Thorne encerrou as palestras com uma questão: qual o papel da arquitetura no século 21? Escritórios contemporâneos apontam respostas múltiplas, como a proposição de soluções para problemas humanitários, a exemplo do que fez Shigeru Ban, arquiteto que ofereceu seus projetos à Organização das Nações Unidas. “Não é mais suficiente ser um grande arquiteto, construindo um grande prédio. É necessário fazer algo mais”, ressaltou para o auditório repleto de jovens [arquitetos](#).



Poucos limites entre os diferentes andares garantem a fluidez do espaço na casa criada por Fujimoto em São Paulo



A estrutura rígida e regular da casa projetada por Fujimoto é preenchida por árvores e emoldura a

paisagem



As grandes lajes brancas parecem flutuar, trazendo surpresa a quem passa em frente à casa



Uma cascata de água atravessa os níveis, chegando até à piscina, que é cercada por amplas vidraças



A Casa Grelha, do FGMF, tem amplas varandas, criando uma transição suave entre exterior e interior




Casa das Pérgolas Deslizantes, do FGMF, tem um nome explicativo. A ideia é permitir que a arquitetura mude conforme o tempo, a hora do dia ou o humor dos proprietários



O edifício Corujas, também do FGMF, tem amplos espaços de convívio para os funcionários que ocupam suas salas comerciais





Restaurante Delicatê em São Paulo. A estante coberta por garrafas cria uma transição entre exterior e interior, ao mesmo tempo em que atrai olhares dos clientes. Outra obra do FGMF